

“LARGUE MÃO MEU POVO, HOJE TEM FORRÓ”: O LAZER COMO *ESPAÇO OUTRO* NA NARRATIVA DE MIGRANTES NORDESTINOS NA CIDADE DAS AVENIDAS (ORLÂNDIA-SP)

“LET GO OF MY PEOPLE, TODAY THERE’S FORRÓ”: LEISURE AS OTHER SPACE IN THE NARRATIVE OF NORTHEASTERN MIGRANTS IN CIDADE DAS AVENIDAS (ORLÂNDIA-SP)

Bruno César Pereira¹

RESUMO: Ao longo deste estudo exploratório buscaremos analisar a potencialidade dos bailes de forró na trajetória de migrantes nordestinos na Cidade das Avenidas, Orlandia - São Paulo. Nossa proposta, utilizando-se da metodologia da história oral, visa se concentrar em uma análise circunscrita sobre o aspecto do *rompimento*, da possibilidade da *fuga*, em síntese, de o olharmos estes espaços de lazer enquanto um *espaço outro* que, mesmo que por apenas um momento, possibilitou a estes sujeitos curarem as feridas e amarguras, se divertirem, se organizarem e resistirem, enfim, *espaço outro* que estava, ao menos se pensava assim, longe da *pirâmide de olhares* severos do sistema de controle e disciplina dos gatos, fiscais, agenciadores e usineiros.

PALAVRAS-CHAVE: Migração Nordestina; Sociabilidades; Forró; História Oral.

ABSTRACT: Throughout this exploratory study, we will seek to analyze the potential of forró dances in the trajectory of northeastern migrants in Cidade das Avenidas, Orlandia - São Paulo. Our proposal, using the methodology of oral history, aims to focus on a circumscribed analysis of the aspect of rupture, of the possibility of escape, in short, of looking at these leisure spaces as another space that, even if only for one moment, it allowed these subjects to heal their wounds and bitterness, have fun, organize themselves and resist, in short, another space that was, at least it was thought so, far from the pyramid of

* Agradecemos aos pareceristas pela cuidadosa revisão e indicações de aprofundamentos e, em especial, a Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva, referência principal e inspiração, pela primeira leitura. Esta reflexão é baseada em uma pesquisa de doutorado em andamento que conta com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (2022-2026).

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa Terra, Trabalho, Memória e Migração - TRAMA/UFSCar/CNPq.

severe looks of the system of control and discipline of cats, inspectors , agents and plant owners.

KEYWORDS: Northeastern Migration; Sociability; Lining; Oral History.

Desde meados de 1980, a cidade de Orlândia, localizada no nordeste do Estado de São Paulo, região do mar de cana (Grande Ribeirão Preto), recebeu centenas de indivíduos vindos dos processos migratórios do Nordeste para o interior paulista. Estes sujeitos, em sua maioria, chegaram à cidade a partir de redes de trabalho organizadas por recrutadores e de solidariedade, através de amigos e familiares, para executarem atividades no setor sucroalcooleiro, sobretudo, trabalhando como “safristas” (cortadores de cana) (Pereira, 2020ab).

Inicialmente, grande parte destes migrantes residiam na cidade por um curto período, durante as safras da cana-de-açúcar (em média 8/9 meses), se caracterizavam como o que Moraes Silva (2010a) chamou de trabalhadores *permanentemente temporários*, ou seja, ficavam por um período e depois, quando o capital não mais precisava deles, eram devolvidos aos seus locais de origem e, em seguida, novamente eles voltavam.

Este processo circular aconteceria durante quase toda a vida destes sujeitos, ele é permanente e o migrante temporário é *permanentemente temporário*. Enfim, tratava-se de uma migração permanentemente temporária, pois a grande maioria deles migra todos os anos tendo sua vida dividida no espaço e no tempo, nem lá e nem cá, sempre em movimento (Moraes Silva, 2008a).

A produção científica que aborda a questão da migração nordestina para o interior paulista é rica e extensa. Inicialmente, estes estudos concentram suas discussões sobre as razões que levavam um contingente expressivo de trabalhadores oriundos de diferentes regiões do Nordeste a anualmente migrarem para os canaviais do estado de São Paulo, além de discutirem os locais de origem, buscando averiguar as dinâmicas econômicas e sociopolíticas das regiões como fatores explicativos da migração, estes estudos realizam amplo debate acerca das condições de vida e de trabalho no complexo

canavieiro, a relação entre exploração e dominação como faces de um mesmo fenômeno, as redes que permitiam e permitem o processo migratório e as consequências sociais e ambientais da atuação do setor sucroalcooleiro na região.

Estas investigações contribuíram para o desenvolvimento e consolidação de um campo de estudos que foi aprofundado nas últimas duas décadas. As novas produções, além de se aprofundarem nos temas supracitados, se debruçaram sobre outras dimensões da migração nordestina, como, por exemplo, as trajetórias, memórias e vivências, os processos de territorialização e inserção de migrantes, as redes sociais formadas pelo processo migratório e as relações cotidianas entre os moradores locais e migrantes.

Contudo, se por um lado as discussões que relacionam a migração com as temáticas do trabalho, saúde, os processos que permitiram a migração para o interior paulista (redes) e a relação destes sujeitos com moradores locais nestas regiões tiveram grande atenção das (os) pesquisadoras (es) nos últimos anos, por outro lado, as experiências destes sujeitos nas chamadas cidades dormitórios, o seu cotidiano, bem como os espaços de lazer ainda carecem ser mais bem discutidos, sobretudo, porque para se compreender o papel do migrante no interior paulista é necessário desvendar todo o contexto em que este agente social esteve envolvido. Conforme Moraes Silva (1999, p. 232) “[...] é nesse mundo estranho que o cotidiano e a sociabilidade serão construídos”.

Neste sentido, para além das relações de trabalho nos canaviais e seus diálogos com moradores locais, o cotidiano migrante, a criação dos laços de solidariedade e amizade e, especialmente os seus espaços de lazer, mormente os bailes de forró, podem vir a ser tomados também com um importante campo de discussão para se entender e compreender o papel destes sujeitos no contexto do interior paulista. É partindo de tais considerações que nos aventuramos ao longo deste estudo exploratório sobre os espaços de lazer.

Contudo, não nos objetivamos neste texto em explorar toda a potencialidade destes espaços na trajetória destes sujeitos, muito menos decretar

que tais espaços possuíam apenas uma ou outra função.² Nossa proposta aqui visa se concentrar em uma análise circunscrita sobre o aspecto do *rompimento*, da possibilidade da *fuga*, em síntese, de o olharmos enquanto um *espaço outro* que, mesmo que por apenas um momento, possibilitava a estes sujeitos curarem as feridas e amarguras, se divertirem, se organizarem e resistirem, enfim, *espaço outro* que estava, ao menos se pensava assim, longe da *pirâmide de olhares* (Moraes Silva, 1999) severos do sistema de controle e disciplina dos gatos, fiscais, agenciadores e usineiros.

Conforme Baptista (2003, p. 24-25),

[...] é no lazer que se tem a oportunidade de estabelecer laços de sociabilidade. É no momento do encontro, do estabelecimento de vínculos de amizade, do reforço das relações de compadrio, vizinhança, da construção e solidificação de redes que apóiam os migrantes nas diferentes situações e dificuldades.

Para este estudo exploratório, as fontes orais, de modo geral, são o baluarte desta investigação. Isto se deu, sobretudo porque, conforme pesquisas anteriores (Pereira, 2020b; 2021), observou-se a quase inexistência de fontes históricas que possibilitassem analisar a figura dos migrantes nordestinos na cidade de Orlândia, em especial, de suas trajetórias, mobilidades e experiências cidadinas e no trabalho³. Em concordância com Dias (1994, p. 102), “[...] o registro oral mostra-se [muitas vezes] a única possibilidade de recuperar um passado que, apesar de recente, deixou poucos traços”.

Talvez o verbo ‘recuperar’, não seja o mais adequado, sobretudo quando aqui estaremos trabalhando com memórias. Conforme Moraes Silva (2001a, p. 116), “[...] o narrador não descreve meramente o acontecido; ele, na verdade,

² Cabe de destacar que este estudo em questão faz parte de uma pesquisa mais ampla que tem se dedicado a analisar a potencialidade dos espaços de lazer, enquanto locais de sociabilidade, da criação, ampliação e reforço de laços para além do círculo mais restrito da família, espaços que contribuíram para que na medida em que os sujeitos que não se conheciam passassem a se reconhecer enquanto partícipes, não apenas de uma tradição, mas possivelmente de uma trajetória em comum.

³ Por outro lado, se nos pautarmos nas fontes escritas, sobretudo a dos periódicos locais, observamos uma quantidade razoável de informações acerca dos migrantes nordestinos na cidade, contudo, de modo geral, tais documentos constroem uma representação estigmatizada destes sujeitos e de seus espaços de lazer. Sobre este ponto ver: Pereira & Vaz, 2019.

vai além, isto é, ele interpreta o vivido segundo um conjunto de elementos (re)significados’’. É importante frisar, levando em conta também as considerações de Benjamin (1987 p. 224), que ‘‘[...] articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como ele propriamente foi. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo’’.

Assim, ao relatarmos sobre os espaços de lazer, em especial os bailes de forró, as músicas tocadas, os sujeitos presentes e os locais onde eram realizados, não visamos resgatar este passado. Afinal, uma análise das memórias implica considerar que elas são interpretações da experiência vivida, são datadas e podem ser historicizadas, o que nos lembra do sentido de abertura, de temporalidade e de experiência de Benjamin (1987).

Interpretarmos e observamos como estes sujeitos o significam e ressignificam. Ao analisarmos os relatos dos/as sujeitos nos atentarmos aos detalhes, aos fragmentos, as trajetórias de ir e vir, de dançar e beber, de rir e brigar, enfim de todos os aspectos que estavam relacionados e entrelaçados nestes espaços de lazer.

Nesta investigação nos deteremos a duas entrevistas⁴, a primeira pertence ao piauiense Raimundo Nonato e a segunda ao maranhense João Mathias, ambos ex-safristas com 57 e 58 anos respectivamente. O primeiro, teve sua primeira migração para a cidade de Orlândia datada no ano de 1986, entre idas e vindas para a colheita, Raimundo opta, se arriscando em não conseguir emprego na safra seguinte⁵, por se estabelecer na cidade no início da década de 1990, seguiu no corte da cana até os anos 2000, quando, exausto do

⁴ Utilizaremos os nomes reais dos entrevistados. Tal opção se deu por autorização de consentimento assinada por eles. A utilização dos nomes reais reforça uma busca pela visibilidade desses sujeitos, como nos disse Raimundo Nonato, um de nossos entrevistados, ao ser perguntado sobre esta questão: ‘‘[...] essa é minha história, tem que ter meu nome, nada disso de inventar outra pessoa, essa é a história do Raimundo [risos]’’. Salientamos, ainda, que para os fragmentos das entrevistas utilizaremos os dois primeiros nomes de cada um de nossos entrevistados.

⁵ Conforme Moraes Silva (2010b, p. 17), o processo migratório, em grande medida, foi controlado pelas usinas, visto que a seleção e contratação dos trabalhadores para a safra passou a ser realizada nas cidades de origem dos migrantes. Desta forma, Raimundo, ou qualquer outro que optou por ficar, se arriscou, pois ‘‘[...] aqueles que optarem por não regressar aos locais de origem, correm o risco de não serem empregados na próxima safra, posto que os contratos são estrategicamente efetuados [nas cidades de origem]’’. No caso de Raimundo, devido a amizades com recrutadores conseguiu manter o trabalho como cortador mesmo residindo em Orlândia.

trabalho nos canaviais e com auxílio de parentes e amigos, passa a trabalhar em algumas empresas da cidade e colheita de outros produtos, enfim, desenvolvendo toda a sorte de atividades laborais.

Já o segundo, João Mathias, realiza sua primeira migração no ano em que Raimundo abandonou o corte, 2000, diferente do primeiro, João seguiu apenas 4 anos no corte da cana até conseguir emprego na construção civil como pedreiro, atividade que já desenvolvia em sua terra natal. Cabe salientar ainda, segundo o entrevistado, que o abandono do trabalho nos canaviais também se deu porque aos poucos os empregadores/recrutadores vinham contratando cada vez menos, sobretudo devido à mecanização da colheita.⁶

Os relatos, utilizados como fontes neste artigo, mesmo sendo considerados enquanto individuais, ou seja, fala-se sobre si e suas memórias, encontram-se entrelaçados a questões mais amplas, isto é, o falar sobre si acaba por envolver outros sujeitos, outras trajetórias, também destacando contextos mais amplos do seu dia a dia ou de sua experiência.⁷ Observaremos que a memória dos sujeitos (individual), evidenciada em sua narrativa, também pode ser compreendida enquanto uma memória coletiva, que está dentro de um quadro de referências dos indivíduos que estão narrando as suas histórias.⁸

Em síntese, os sujeitos ao reconstruírem suas histórias singulares, ao fazerem uma verdadeira viagem de volta a situações distantes da sua memória, “[...] retirando da experiência vivida relatos permeados de dramaticidade, emoções, simbolismo, frutos não de uma mera descrição do passado, mas de sua recriação e revivificação”, acabam por dispor de “[...] suas próprias histórias e daquelas relatadas por outras que deixaram marcas em suas

⁶ Conforme Moraes Silva & Reis (2020), o horizonte dos canaviais paulistas passou por uma *grande transformação* ao longo da primeira década do século XXI. Em pouco mais de cinco anos, de 2004 a 2009/2010, a cana de açúcar passou de 70% cortada manualmente para 97% cortada por máquinas, isso impactou severamente o processo migratório e o trabalho dos sujeitos nos canaviais. Acerca das novas configurações do trabalho no contexto da mecanização nos canaviais paulistas e suas consequências, sugerimos a leitura de: Moraes Silva, Bueno & Melo, 2014.

⁷ Conforme Magalhães (2015), a memória é individual e social. Quem lembra é o indivíduo. No entanto, a memória individual não está inteiramente fechada e isolada.

⁸ O conceito de memória coletiva é aqui pensado no sentido proposto por Maurice Halbwachs: ela acontece em conexão com o grupo, sendo evocada pelo indivíduo dentro de seu quadro social (Halbwachs, 2006).

memórias’’. São nestes momentos que as memórias individuais se entrecruzam com a memória coletiva (Moraes Silva, 2010b, p. 23).⁹

Originalmente, parte das narrativas aqui analisadas foram coletadas para uma pesquisa de mestrado defendida no ano de 2021. Contudo, diferente do foco da pesquisa anterior, a qual concentrava-se em analisar a inserção de migrantes nordestinos no município de Orlandia entre as décadas finais do século passado e o processo de estigmatização destes pelos chamados moradores locais (Pereira, 2021a), este estudo se centrará nas memórias, representações e experiências destes dois sujeitos com os espaços de lazer. Contudo, os entrevistados ao longo de seus relatos sobre estes espaços não se restringiram somente a eles, ou seja, se em um primeiro momento estes os localizaram geograficamente na cidade, falaram sobre as músicas tocadas e seus participantes, eles também, entre nos contar onde ficava, quem estava lá e qual música era tocada, acabaram por narrar sobre o caminho, os sentimentos, as amizades e inimizades, as alegrias e as tristezas, os ganhos e as perdas.

Ademais, ao falar sobre os bailes, em especial sobre as dinâmicas e conversas ditas e discutidas, o tema central eram os canaviais, o eito, sobretudo abordando as longas horas de trabalho, os abusos por parte dos recrutadores e fiscais, o transporte (pau de arara) etc. O trabalho enquanto cortadores de cana, corresponde a um marco em suas memórias e experiências, que, muitas vezes, estão gravadas em seus corpos através das cicatrizes deixadas por seu instrumento de trabalho (podão/facão). Todavia, para além da experiência direta com as atividades laborais, o leitor observará que nossa análise terá como foco principal discutir um aspecto em especial destes espaços, ou seja, o seu poder de romper com os sentimentos de melancolia enfrentados por sujeitos que, a centenas de quilômetros, separados de suas famílias¹⁰, não migraram por escolha, mas por necessidade, por *precisão* (Moura, 2008).

⁹ Conforme Magalhães (2015, p. 109): ‘‘as entrevistas fazem emergir as representações do ‘eu’ na história, que são parte e que expressam a vivência coletiva’’.

¹⁰ Ressaltamos que no caso orlandino, a grande maioria dos migrantes, sobretudo os *permanentemente temporários* que se dedicavam ao corte da cana, eram homens. As mulheres migrantes, no caso orlandino, em grande parte esposas, filhas, mães e outras familiares, que migraram para a cidade não se dedicariam à atividade do corte ou qualquer outra atividade

*

Para uma vida reduzida a tempo de trabalho, o tempo livre é quase inexistente
(Moraes Silva, 1999, p. 264).

Em meados do segundo semestre de 2019, dediquei-me à coleta de relatos de migrantes nordestinos que, desde fins do século passado, migraram para a cidade de Orlandia e ali se estabeleceram. Naquela ocasião buscava, a partir dos relatos, discutir o processo migratório para a região do nordeste paulista e suas mobilidades no próprio tecido urbano orlandino - sobretudo a partir da década de 1990 quando a cidade sofreu uma expansão territorial significativa.¹¹ Neste conjunto de entrevistas coletadas, a questão que envolvia os espaços de lazer não correspondia a um ponto chave da pesquisa, contudo ela emerge a partir dos sujeitos ao abordar o seu cotidiano fora do ambiente de trabalho, fora dos canaviais paulistas. Essas narrativas, de certa forma espontâneas, encontravam-se ligadas a pergunta: “e como era fora do trabalho, longe, ou não tão longe assim¹², dos canaviais, na cidade?”, as respostas, de modo geral, pontuaram duas questões, a primeira sobre a residência como uma continuidade do espaço de trabalho e, a segunda, mencionava, pela primeira vez, os espaços de lazer.

Sobre a primeira questão, em consonância com os relatos, Moraes Silva (1999, p. 152) escreveu que:

[...] eito e cidade formam um todo indissolúvel, em que se produzem e reproduzem a vida, o trabalho, o cotidiano, a aceitação e a recusa dos trabalhadores. Fisicamente

envolvendo a cana, viveriam na cidade e nela, além do cuidado da casa e das crianças, buscaram outras atividades empregatícias, como domésticas, babás, costureiras e lavadeiras, ou no mundo rural como tiradoras de palha durante a safra e dobradeiras de palha no restante do ano, sobre Orlandia e a presença da figura da migrante, ver: Pereira & Lourenço, 2021. Indica-se ainda, para leitura, os estudos que se debruçam sobre a presença e desaparecimento da figura feminina, migrante e/ou boia-fria, no corte e demais atividades envolvendo a agroindústria canavieira, em síntese os estudos que se dedicaram ao “trabalho oculto das mulheres nos canaviais”, ver: Moraes Silva, 1999, 2010ab, 2011a e 2016.

¹¹ Entre as décadas de 1970 a 2010, Orlandia saltou de uma população de pouco mais de 15 mil habitantes em 1970, para 40 mil na primeira década do século XXI. O aumento populacional é seguido do aumento do tecido urbano, sobretudo a partir de loteamentos nas fronteiras leste e oeste e a construção de conjuntos habitacionais pelas empresas CDHU e COHAB-RP.

¹² Orlandia, como as demais cidades dormitórios na região da grande Ribeirão Preto, estão encravadas entre os canaviais paulistas, neste sentido o deslocar-se da residência, das periferias da cidade até o trabalho, não correspondia, em certos momentos, a um grande deslocamento.

separados, eles formam, contudo, uma unidade social permeada por contradições decorrentes das inúmeras relações de oposição.

Seguindo ainda as considerações da pesquisadora, ela ressalta:

As cidades são também, o palco da desordem, dos piquetes, das greves, dos ajuntamentos de trabalhadores durante as negociações sindicais, da atuação dos agentes das pastorais, dos partidos políticos, dos sindicatos, da reconstrução da cidadania, dos direitos sociais e assim por diante. Elas fornecem o substrato necessário à construção de novas relações de sociabilidade, assentadas na dialética da aceitação-recusa (Moraes Silva, 1999, p. 241).

Entende-se assim que as cidades não são possuidoras de uma única função, ou seja, de meramente sediar a moradia dos trabalhadores ou um mero prolongamento do trabalho, espaço de descanso.

O trabalho no eito, o cotidiano na cidade, os espaços de sociabilidade bem como todas as experiências e vivências destes sujeitos migrantes só podem ser conhecidos, como destacam Moraes Silva, Bueno & Melo (2014, p. 95), “[...] pelo escutar das vozes e pelo compartilhar das emoções advindas das profundezas não da terra, mas dos interiores daqueles(as) que aí labutam” e vivem, mesmo que temporariamente.

Acerca da segunda questão, qual seja, a menção aos espaços de lazer, nas primeiras narrativas, nas breves menções sobre esses espaços, ou melhor, nas suas características, foi destacado que os bailes estavam muito além de somente o lazer.

Ilustramos tais considerações expostas a partir do relato de Raimundo Nonato:

Na cidade, deixa eu ver, na cidade a gente estava se preparando para o outro dia de trabalho, não tinha vida, entende? não tinha. Mas daí começou a ter os bailes, os bailes de forró, lá a gente se divertia, se esquecia um pouco do canavial, se curava das dores [risos], *conversava também, conversava sobre o canavial, sobre a família que ficou, chorava as pitangas* [risos] (Raimundo Nonato, 2020, *grifo nosso*).

O relato de Raimundo, se inicia abordando a dureza do trabalho nos canaviais, ou seja, estes homens despenderiam quase todas as horas de seus dias para a atividade. Acordando geralmente antes do amanhecer, para preparar a comida, seguida da espera do pau de arara que os levariam até as plantações, hora ou horas que poderiam variar conforme a distância da plantação a ser colhida; já no canavial estes se manteriam em constante movimento: andando, cortando e juntando a cana em montes por horas, 8 toneladas diárias, 8 quilômetros andados.¹³ Findado o dia de trabalho nos canaviais, retornavam, novamente o tempo até chegar em casa variaria conforme a localização da plantação, na casa, a relação com o trabalho não terminaria, pois como Raimundo relata “[...] a gente estava se preparando para o outro dia de trabalho, não tinha vida, entende?”, lavar as roupas, deixar o instrumento de trabalho afiado, e, sobretudo, tentar descansar.

O relato de João Mathias, para a mesma pergunta, foi ao encontro do relato de nosso primeiro entrevistado. Segundo João,

Na cidade não tinha muito o que fazer, você tinha que descansar, não tinha o que fazer. Você lavava a roupa, você dormia o que podia, tinha que descansar. Pelo menos antes de ter os bailes [risos].

João Mathias chegou à região do mar de cana no momento em que Raimundo encerrava suas atividades nos canaviais. Sua narrativa corrobora com o relato de Nonato, seja no que tange a dureza do trabalho, mas também do papel dos bailes de forró para estes sujeitos.

Ainda sobre este ponto, em entrevista recente com Raimundo Nonato, realizada em sua residência em uma tarde de agosto de 2023, o entrevistado complementa um pouco da relação trabalho - residência:

[...] quando eles chegavam em casa, em casa [risos], aquilo ali não era casa, era um barraco com 15 homens, que se for ver cabia 4 apurado [risos], mas quando chegavam em casa,

¹³ Ressalta-se que essa produtividade, desde fins de 1980, período a que Raimundo refere-se, aumentou. Conforme Alves (2006), em meados dos anos 2000, um cortador de cana realizaria mais de cento e trinta mil golpes de "podão", perderia em média oito litros de água e cortaria entre 13 a 15 toneladas por dia.

uns se jogava no chão, deitava no chão gelado para aliviar a cãibra, outros só sentavam no termolar [garrafa térmica], ficava com aquele olhar fundo, aquele olhar que se não olha pra nada, aquele olhar que... [silêncio]. Às vezes ficava assim por horas, mas acho que era minutos, ficavam assim borocoxó [...] (Raimundo Nonato, 2023).

Neste novo relato de Raimundo, ele descreve a chegada dos companheiros a residência, *um barraco*, de três cômodos, que abrigavam 15 companheiros, todos vindos do estado do Piauí, localizado na periferia da cidade de Orlândia, espaço conhecido popularmente como Vila Tatu¹⁴, que no final da década de 1980 viria a ser chamado de Jardim Boa Vista. O que chama a atenção neste fragmento é a descrição dos companheiros e dele próprio no momento que, em tese, seria o final da jornada de trabalho. Ao abordar sobre as residências, sejam as palavras ditas como as não ditas (os silêncios), observamos mais um lamento do que um relato. Na pausa de sua fala (...), seu olhar se dirigiu a lugar nenhum, e assim ficou por quase um minuto, quando retornou o relato, o narrador não só descreveu o olhar dos colegas, ao rememorar, o sentimento aflorou, lembrou, sentiu.

Moraes Silva (2022, p. 2) em recente comunicação, ao abordar parte de sua trajetória de pesquisa em 1985 e narrar sobre um de seus encontros com trabalhadores rurais migrantes que se encontravam em um alojamento em uma fazenda de café na região de Ribeirão Preto, além de descrever o espaço e as condições precárias que estes sujeitos viviam ali, a pesquisadora destacou que o que mais lhe chamaria a atenção eram esses mesmos olhares descrito por nosso entrevistado, “[...] olhares, dirigidos a lugar nenhum”¹⁵.

‘Chegar em casa’ é marcado por uma certa continuidade do que ficou no canavial, ou seja, um mero espaço para ‘se preparar para um novo dia de

¹⁴ Segundo o historiador e cronista Luis Serafim (1997, p. 18) “[...] Vila Tatu por que a gente vive sujo nos barracos, que são a nossa morada”, sujos devido às atividades desenvolvidas, em especial como boias-fria, no espaço rural. A população da Vila, antes da chegada dos migrantes nordestinos era composta, sobretudo, por sujeitos advindos do mundo rural, expulsos ao longo do processo de *trágica modernização* do campo paulista, contudo, manteriam seu vínculo com este espaço, mas como assalariados. Sobre este momento histórico, sugerimos a leitura de: Moraes Silva, 1999, p. 61-80.

¹⁵ Ainda sobre este encontro da pesquisadora com os/as trabalhadores rurais, indica-se a leitura da entrevista realizada por Magalhães com Moraes Silva. Ver: Magalhães, 2023.

trabalho’. O dia de trabalho, toda aquela cana cortada e o dinheiro dela derivado, não são motivos de conquista ou satisfação. O sentimento que ali existe, que repousa entre as quatro paredes dos barracos, ao que nos parece, é o de cansaço e fadiga. O corpo demonstra à exaustão através das câimbras e os olhos o sentimento de melancolia¹⁶. A residência, nestas narrativas, está associada ao eito, ao caminhão, “[...] estes espaços constituem o cimento da des-valorização, da negação da condição humana” (Moraes Silva, 1999, p. 244).

Conforme escreveu Moraes Silva (2015, p. 27), e ao que nos parece dialogar exatamente com os relatos de Raimundo e João, estas narrativas “[...] remetem à estrutura dos sentimentos daquelas pessoas que parecem estar à margem da sociedade”, em suas residências, ou melhor, nos barracos localizados na periferia orlandina, tais sujeitos encontram-se “[...] atrás do palco e das luzes da modernidade”.

Contudo, ainda no primeiro fragmento da entrevista de Raimundo Nonato e na sequência com a entrevista de João Mathias, observa-se que esta temporalidade marcada pelo trabalho passou a ser amenizada, conforme Nonato “começou a ter os bailes”, ou Mathias “pelo menos antes de ter os bailes”. Observa-se um rompimento, um antes e depois. Raimundo e João colocam em destaque o forró como espaço de lazer, de fuga dos dissabores do trabalho no canavial e/ou da impossibilidade de tal fuga, mas, por outro, em poucas palavras, também colocavam neste espaço o papel de local de diálogo, da construção de redes de amizade e solidariedade.

Os bailes, nestas duas narrativas, serviram como espaço para amenizar a dureza enfrentada no dia a dia, mesmo que, como ambos pontuam, as conversas nestes espaços acabassem por girar em torno do cotidiano laboral dos sujeitos.

Tensionando estes relatos, buscamos aqui pensar *o que seria esse lugar para estes sujeitos?* Contudo, como já destacado, não nos objetivamos aqui

¹⁶ Conforme Moraes Silva (2016, p. 152-153): “A melancolia é a doença da alma, produz o desassossego, o alheamento, a indiferença em relação ao mundo. Do mesmo modo que queimam e cortam a cana, os trabalhadores queimam e cortam a si mesmos. Muitos afirmam que no final da safra estão reduzidos a bagaço; outros que ficam com os nervos esgotados, sem o suco, tal como a cana”.

explorar toda a potencialidade destes espaços na trajetória destes sujeitos, muito menos decretar que tais espaços possuíam apenas uma ou outra função. Nossa proposta, que pode ser pensada enquanto exploratória, visa se concentrar em uma análise circunscrita que questiona se tais locais podem ser pensados a partir dos aspectos do *rompimento*, da possibilidade da *fuga*, de um *espaço outro* que, mesmo que por apenas um momento, possibilitou a estes curarem as feridas, se divertirem, mas também de se organizarem e resistirem¹⁷.

Enfim, seriam estes espaços a materialização da possibilidade de superar a melancolia vivida por estes sujeitos ao longo dos meses longe de suas famílias? de sair deste topos d'alma? Conforme Moraes Silva (2015, p. 29), “[...] se a melancolia tem efeito paralisante sobre a mente e o corpo, a saída para o melancólico vem de fora, de forças exteriores”.

Seguimos com Raimundo,

Mas daí era sexta-feira, entrava um e gritava: 'largue mão meu povo, hoje tem forró' [risos], Bruno, o Bruno, não tinha remédio melhor [risos], o olhar voltava, a alma até voltava pro corpo, só pensava no forró, o forró Bruno, tu tinha que ver [risos] não tinha cãibra que resistisse a um forró [risos], mas o forró não era só bagunça não! [...] Quando cheguei, a primeira vez tinha um bar ou outro, mas daí começou a aumentar, aí o pessoal já inventou de fazer os bailes, trazia gente da gente mesmo pra tocar e cantar, não falhava uma sexta-feira (Raimundo Nonato, 2023).

A narrativa de Raimundo elucidada. Como já exposto, ele chega a Orlandia em momento que a migração para esta cidade crescia vertiginosamente, o entrevistado acompanhou entre as idas e vindas o crescimento do tecido urbano, sobretudo o segundo¹⁸, bem como vivenciou a chegada do forró a cidade. Se por um lado, inicialmente o forró estava nos

¹⁷ Outras questões que serão aprofundadas com maior cuidado - em trabalhos futuros, são: a potencialidade deste espaço enquanto local de sociabilidade que permitiu a prática de enraizamento social que recria laços de amizade e confiança (Bandini & Moraes Silva, 2011), de discussão e reflexão sobre as experiências em comum e de diálogos acerca identidade migrante de *piauí* (Pereira & Schorner, 2020).

¹⁸ Ressalta-se que conforme o crescimento da malha urbana orlandina, a região periférica acabou por se deslocar, inicialmente, a leste e oeste. São nestas regiões que os recrutadores/gatos alugaram casas para os safrististas, sobretudo devido ao baixo valor dos aluguéis. Em contrapartida, a Vila Tatu, a qual se tornou Jardim Boa Vista, bairro colado ao centro, antiga Vila Orlando, tornou-se uma região de classe média na cidade.

bares, nas músicas tocadas através de aparelhos de som, conforme se passaram os anos e com o aumento do número de migrantes na cidade uma demanda começou a surgir, demanda sanada com os bailes que ganhavam cada vez mais espaço nas noites de final de semana orlandino.

Algumas das expressões de Raimundo, como "não tinha remédio melhor", a "alma voltava pro corpo" e "não tinha cãibra que resistisse", colocam em destaque a potencialidade e importância deste espaço na trajetória dos sujeitos. Estes espaços, além de proporcionar o relaxamento próprio do lazer, “não eram só bagunça”.

Ao destacar que estes espaços não eram apenas locais de *bagunça*, ou seja, locais da desordem e das bebedeiras, como proposto pelos moradores locais, Raimundo visa destacar que estes espaços eram voltados ao lazer e ao divertimento. Seu relato busca contestar a noção de violência que foi imputada a estes espaços pelos chamados moradores locais, que alegavam reiteradamente que estes espaços promoviam apenas badernas, e “manchavam a imagem da cidade”¹⁹

Além disto, um segundo ponto em seu relato refere-se em indicar que estes espaços permitiam a organização destes sujeitos. Organização das redes de solidariedade e da construção e divulgação das táticas de resistência.

Acerca das solidariedades, Raimundo Nonato (2023) narra:

No forró, nos bailes, a gente conversava, via no conversar os problemas que cada um tava enfrentando, e não era só escutar, a gente se ajudava, no que conseguia é claro. Se o companheiro ali acabou brigando com o fiscal e via que tava perseguindo ele, a gente trocava ideia, tentava indicar um outra turma ou um outro serviço²⁰. Às vezes a gente ali no

¹⁹ Em entrevista realizada com moradores locais, em um certo momento, a senhora M.A. (2017), em consonância com a grande maioria dos moradores locais entrevistados, teceu uma série de relatos sobre estes espaços, todos eles descrevendo os pormenores dessa violência. Quando perguntado a ela sobre o seu contato com o espaço a resposta foi: “Jamais, nunca frequentei, mas sei de tudo o que acontece, o povo fala querido, sai nos jornais, eu acho lindo a música, queria ir, mas como ir com esse tanto de violência?”. O relato da senhora, destaca a dimensão da fofoca entre os moradores, mas também do poder que as mídias locais possuíam de criar uma certa imagem/representação e ‘fama’ destes locais. Ver: Pereira & Lourenço, 2018, Pereira, 2020b.

²⁰ Raimundo Nonato (2020) se recorda ainda, que, por volta do início da década de 1990, era em meio aos bailes frequentados por migrantes, que muitos empregadores divulgavam ofertas

forró ficava sabendo que tal piauí se machucou, não tava podendo ir, ia perder vários dias, ia comer o que? A gente já pensava nisso, cada um fazia um pouco, ajudava com o que podia ajudar, ia pedir até para gato (*grifo nosso*).

Ainda sobre a solidariedade, João Mathias (2020) descreveu uma situação:

Eu fiz muitos amigos aqui, pernambucano, piauiense, baiano, vários, e eles ajudaram muito aqui viu, teve época que a cana tava complicada, quando a gente chegou né, a primeira vez, teve um pernambucano aí que veio e ajudou a gente, ele *soube no baile*, e daí no ônibus que ia trabalhar passou com uma sacola pedindo ajuda pros piauí... pros outros nordestinos... por que explicou nossa situação, que a gente tava comendo fazia dias só arroz e feijão. Olha a gente ganhou um dinheiro dele e dos amigos, o pessoal sabia né que não tava fácil, que no começo até pegar o jeito com a cana o nego sofria, compramos uns frangos e mais umas carnes baratas fazia dias que não comia tão bem, era só arroz na marmitta. A gente via aqui, era um ajudando o outro, esses um que eu digo era os piauí... os nordestinos. *Encontrei com ele em um baile*, a situação estava melhor, já era pedreiro, paguei uma pinga e uma cerveja [risos] (*grifo nosso*).

Ambas as narrativas possibilitam colocar em destaque os espaços de lazer como locais de solidariedade. Locais que permitam a construção de laços de amizade que culminaram na solidariedade. Desde doações para aqueles que estavam impossibilitados de trabalhar, a doações aqueles que, recém chegados, ainda estavam aprendendo a trabalhar com o corte da cana. Conforme Moraes Silva (2001b, p. 106), e levando em conta estes depoimentos, de fato, as sociabilidades migrantes estiveram assentadas nas solidariedades.

Acerca das resistências, ou melhor, das divulgações das táticas de resistências nestes espaços, Raimundo ao ser perguntado do que se conversava nestes espaços confessou:

de emprego para além do corte e outras atividades envolvendo a cana de açúcar, “[...] a gente às vezes tava lá, no bailezinho, ou só com um sonzinho de forró, se divertindo, mas também conversando sobre o trabalho, sobre as dificuldades, que volta e meia apreciam um oferecendo uma vaga no café, no amendoim, no algodão [...] ou era a gente mesmo que conversando, o cabra tava desgostoso do serviço que tava, aí a gente ia indicava outro, indicava outra turma pra ir [...]”.

Se falava de tudo, mas mais sobre o trabalho, já falei chorava as pitangas [risos], mas também... assim... a gente falava sobre como dar uns jeitinhos, entende? [Entrevistador: Como assim?] [risos], sendo sincero? Os mais experientes ensinavam os novatos a passar aquele que sempre passa gente pra trás, mas era a nossa vez de passar eles! [risos], a gente falava sobre o que não podia falar na carroceria ou nos corredores. Mas isso não era errado, eu não acho, era sofrido Bruno, eles abusavam muito da gente²¹. Quando podia, devolvia na mesma moeda. Uma comum, era meter atestado neles [risos], cabra acordava numa ressaca do diabo e pegava atestado [risos].

No relato, em um primeiro momento, como o/a leitor/a pode perceber, Raimundo teve uma hesitação se revelaria ou não os *jeitinhos*. O silêncio, e depois a cumplicidade, *entende?*. Quando pedi para explicar melhor, um momento de vergonha, um riso de nervoso que, na sequência, é substituído pela sinceridade e por fim, a revolta. O relato é rico, apresenta as cores e os dissabores do trabalho que são pintados com tons mais alegres em meio ao lazer, através das cumplicidades, das táticas, táticas estas que eram uma forma de ‘devolver na mesma moeda’ as inúmeras humilhações sofridas no eito e fora dele²². Estes mecanismos de microresistências²³ desenvolvidos a partir da experiência laboral criadas no contexto das relações de trabalho (Moraes Silva,

²¹ Sobre a situação dos trabalhadores rurais contratados pelas usinas de cana-de-açúcar e álcool no interior do estado de São Paulo, indicamos: Moraes Silva, 2005. Neste estudo a pesquisadora dedica-se a analisar a exploração e o agravamento das condições de trabalho, que são caracterizadas pelos baixos salários, a perda dos direitos, os casos de escravização por meio de dívidas, bem como os registros de mortes ocasionadas pelas altas exigências de produtividade. Seu estudo se objetiva em analisar as correntes invisíveis que contribuem para a superexploração e a escravização existentes nestes espaços, bem como, coloca em destaque que a permanência da mão-de-obra migrante, falsamente denominada temporária, é o suporte do modelo lucrativo do agronegócio das usinas canavieiras paulistas.

²² Ainda acerca deste cenário de humilhação e desrespeito enfrentado cotidianamente pelos trabalhadores, sugerimos a leitura de: Moraes Silva, Verçoza & Bueno, 2013.

²³ Sobre as microresistências desenvolvidas pelos/as trabalhadores, o mapeamento de Silva (2011), é uma interessante referência. Entre elas, o autor cita: faltar ao trabalho, fazer corpo mole, não seguir as normas da empresa no que se refere à forma correta de cortar a cana, fazer o podão, organizar o monte, efetuar a limpeza da palha, “[...] tudo isto, quando visto a partir do ponto de vista das usinas, são problemas que o trabalhador migrante pode causar, mas, a partir de sua perspectiva, sinalizam para práticas de resistência por meio das quais, busca-se mitigar a exploração” (Silva, 2011, p. 263). Moraes Silva (2008, p. 31) também apresenta algumas táticas, chamadas por ela de *resistências miúdas*, são elas: picação da cana (corte dos ponteiros após serem lançados aos montes), cama de gato ou cambalacho (canas não cortadas escondidas embaixo dos montes ou esteira), jacaré, teimosa ou cana mamando (cana não cortada, somente tombada com a botina e escondida sob as canas amontoadas nas esteiras), telefone (não cortar uma ou duas ruas de cana), baião de dois (corte da cana por dois trabalhadores no mesmo eito).

2013), eram divulgados nestes ambientes, visto que, acreditavam estar longe da *pirâmide de olhares* severos do sistema de controle e disciplina das usinas - exercido por gatos, fiscais, agenciadores e usineiros (Moraes Silva, 1999), conforme Raimundo, ‘a gente falava sobre o que não podia falar na carroceria ou nos corredores [dos canaviais]²⁴.

O relato de João Mathias (2023) complementa bem:

[...] não dava para combinar as coisas no ônibus, sempre tinha um ou outro que entregava, e muito menos no trabalho, no trabalho se você olhasse pro lado já tinha um no seu cangote [fiscal], papear era impossível ali [risos], ai que entra o forró né [risos], ali a gente tinha, até certo ponto, um espaço para conversar sobre o trabalho, não de reclamar, reclamar também [risos], mas de se *organizar meu amigo, até bater de frente (grifo nosso)*.

Os *jeitinhos* descritos por Raimundo visavam o *bater de frente* relatado por João, ou ao menos *devolver na mesma moeda* o processo de dominação diária enfrentado por eles. Ambas as narrativas colocam em destaque que seriam nestes espaços de lazer que as resistências, que se efetivam no dia a dia do trabalho no eito, eram pensadas, divulgadas e refinadas.

Retomemos a dois pontos do relato anterior, de Raimundo. O atestado e as ressacas. Sobre o primeiro, os atestados, a fala de Raimundo coloca em destaque que alguns sujeitos, ao exagerarem no uso da bebida alcoólica acabariam por buscar consultas médicas visando abonar a falta e assim evitar o *gancho* - suspensão temporária.

Devido a dureza e os altos níveis de exploração do trabalhador, este desenvolveria a curto ou longo prazo diversos tipos de enfermidades. Neste sentido, havia um conjunto de sintomas que este poderia mobilizar no momento da consulta com o profissional da medicina para ter acesso ao atestado.

²⁴ Entre as formas de controle citamos: *Média* (produtividade diária mínima), *Listas Negras* (se as pessoas tiverem problemas relativos a brigas, desobediências, greves, são feitas anotações na ficha. Isto impede que a pessoa seja empregada novamente pela usina, estas listas circulavam entre recrutadores de diferentes usinas), *Ganchos* (suspensão do trabalhador que não cumpriu a média, desrespeitou o fiscal ou envolvimento em brigas e confusões), *Fiscais* (funcionários mais importantes para as usinas, já que são os responsáveis pelo acompanhamento e pela fiscalização dos cortadores de cana quando estes estão no interior dos canaviais). Sobre as estratégias de controle da Usina, sugerimos a interessante sintetização de Guanais (2014).

Especificamente, em relação ao trabalho e saúde dos migrantes, Rogério Júnior (2016) destaca que o trabalho, nos canaviais, provocava

[...] inúmeras doenças de ordem tanto física quanto biopsíquica. No primeiro caso, a agressão aos pulmões de trabalhadores, causadas pela fuligem da cana, à coluna vertebral, dentre outras, tornam inúmeros trabalhadores inválidos. No segundo caso, podem referir doenças que configuram padrões de desgaste manifestando-se, por exemplo, em tensão nervosa, úlcera e hipertensão (Rogério Junior, 2016, p. 21).

Não nos debruçarmos sobre este ponto, em primeiro lugar por se tratar de um tema muito bem explorado nas últimas décadas²⁵. O que visamos aqui é notar, utilizando do relato de Raimundo e cotejando com as considerações de Moraes Silva (1999), de que houve uma “descoberta da doença”, ou seja, trata-se de uma *reinvenção criativa* por parte destes sujeitos, táticas, ou utilizando-se da autora já citada, são as “resistências miúdas” (Moraes Silva, 2008b).

Todavia, essa tática não deveria ser utilizada com frequência pelos mesmos trabalhadores, visto que causaria desconfiança por parte dos fiscais e dos escritórios, causando assim ganchos e uma possível dispensa do trabalhador ou, no pior dos casos, sua inclusão entre as listas negras das usinas. Em síntese, conforme Verçosa & Moraes Silva (2010), ações individuais ocorrem dentro de certos limites de possibilidades determinadas pela própria condição destes sujeitos.

As ressacas como desculpa para ter acesso ao atestado, como relatadas por Raimundo, onde é claro que tal trabalhador não revelaria ao médico que o consulta-se, que de fato tratava-se de uma ressaca, mas descrevendo os mais variados sintomas para obtê-lo, revela um ponto fundamental nos bailes de forró. O uso da bebida alcoólica. João Mathias (2020) relatou que “[...] beber uma pinga, fazia relaxar, esquecer um pouco as dores, aliviar os machucados do podão, ficar um pouco fora do ar, mas tinha uns que exagerava [risos]”.

²⁵ A partir do mapeamento realizado por Abreu et al (2011) e Galiano et al (2012), nota-se que investigações, em sua maioria, apontam para a falta, ou melhor, a inexistência de políticas públicas de atenção social, de saúde física e mental aos cortadores de cana, destacamos: Alessi & Scopinho, 1994; Novaes & Alves, 2007; Motares Silva, 2006; Alves, 2009, Moraes & Priuli, 2011.

Conforme Moraes Silva (1999, p. 252-253) se por um lado o seu uso corresponde ao “[...] resultado do processo de alienação no qual se acham inseridos”, por outro “[...] a bebida representava, *vis a vis* o imaginário, a autonomia, a liberdade, o sair de si mesmo”. Em complemento, ressalta a autora:

[...] a bebida revela assim mais uma face das contradições objetivas nas quais [os/as trabalhadores/as] se inserem. O seu uso representa, assim, o embate deste processo de alienação - desalienação. Como meio de esquecimento, a bebida é também uma forma de resistir, ainda que abreviando a duração de suas vidas (Moraes Silva, 1999, p. 253).

Para Baptista (2003, p. 28), em complemento às considerações da autora, destaca-se que o uso das bebidas configurava-se como “[...] válvula de escape para as frustrações cotidianas. É anestésico, 'o remédio engarrafado', mais abertamente utilizado para esquecer o problema, amenizando o sofrimento e as privações”.

O uso das bebidas, na narrativa dos entrevistados, também a ligava a violência. Mesmo que ambos os entrevistados neguem, ou apenas citem de forma rápida, a violência estava presente nestes espaços, seja devido ao uso de bebidas alcoólicas como também pelas desavenças entre eles, desavenças essas, em grande medida, devido a desentendimentos ocorridos no eito da cana.

Você perguntou das brigas, sim tinha, não tem como dizer que não, mas não era como falam por aí não [moradores locais], era de vez em quando. Bebida, entende? As pessoas às vezes tomam coragem de mais, a pinga causa isso (Raimundo Nonato, 2020).

Briga acontecia, e acontecia às vezes até por causa do trabalho, então era coisas do trabalho que acabavam se resolvendo no baile. As vezes por que um tirava sarro do outro, que ficou borrado e não conseguiu dar conta do corte (João Mathias, 2023).

Conforme Moraes Silva (1999), o sistema de trabalho nos canaviais imposto aos trabalhadores, desenvolvido por seus agentes de controle, de fiscais a funcionários de escritórios, visou sempre o aumento da produtividade dos sujeitos ao longo dos anos, ou seja, o aumento do corte da cana e qualidade no

corte.²⁶ Este sistema criou uma certa concorrência velada entre os sujeitos onde aqueles abaixo da média sentiam-se envergonhados, incapazes e eram inferiorizados tanto pelos fiscais como pelos próprios colegas de trabalho (Moraes Silva, 1999, p. 202). Isto foi reforçado pelo sistema de gratificações que concedia a aqueles com maior produtividade certas premiações, estas geraram divisões entre os trabalhadores e construíram o perfil do chamado “bom cortador de cana”, além de aprofundar a competitividade e, em contrapartida, avançar na produtividade da colheita.

Ao que nos parece, as narrativas apresentadas evidenciam que esta competitividade acabava por gerar conflitos entre os trabalhadores, conflitos estes que foram ‘resolvidos’, através de brigas nos espaços de lazer.

Do lazer à divulgação das táticas, do fugir dos dissabores do trabalho no eito às brigas por causa das humilhações sofridas neste espaço, os bailes de forró no contexto orlandino configuram-se como um espaço complexo que permitiu da resistência a sociabilidade, do lazer a organização.

Estes bailes aos poucos foram deixando de existir. Dois pontos podem ser levantados sobre. O primeiro e mais evidente se deu devido a diminuição do movimento migratório para a cidade ao longo da primeira década do século XXI. A diminuição estaria ligada diretamente ao processo de mecanização do corte, que levaria a dispensa de milhares de trabalhadores em toda a região da Grande Ribeirão Preto.

Todavia a diminuição destes espaços até sua quase extinção na cidade é marcado por outro ponto importante, que antecede o primeiro e pode ser melhor conhecido a partir dos relatos orais. Trata-se da nova jornada de trabalho dos migrantes, a chamada *Jornada 5x1*, cinco dias trabalhados e um de descanso. Esta jornada fragmentou a sociabilidade entre os trabalhadores, pois, “[...] a divisão em turmas e turnos impede que o dia de folga seja o mesmo para todos” (Moraes Silva, 2016, p. 152).

²⁶ Sobre a qualidade do corte, isto corresponderia a: cortar a cana rente ao chão, evitar picá-la, cortar as ponteiras, alinhar a cana de forma correta - o que facilitaria o carregamento, e limpar as impurezas ao redor dos montes. Ainda sobre estas determinações, sugerimos a leitura de: Moraes Silva, 2008a, p. 29 31.

[...] a rotatividade dos dias de folga impede que haja um comum de lazer a todos. Assim, no interior dos ‘barracos’ é comum encontrar trabalhadores, cujo dia de folga não coincide com os dos colegas que compartilham os mesmos cômodos. Portanto, muitos hábitos e costumes praticados aos domingos pelas famílias ou por grupos de migrantes do mesmo local de origem não são realizados. Em outros termos, esta imposição, põe em questão a reprodução e social dos trabalhadores. Inquiridos sobre as atividades de lazer, a grande maioria responde que descansa, não sai de casa, procurando recuperar as energias para a próxima jornada de trabalho. ‘Do barraco para o eito e do eito para o barraco’ é o que afirmam (Moraes Silva, 2013, p. 379)

As considerações da autora acima, vão ao encontro ao relato de João Mathias, transcrito abaixo:

Eu te disse, eu cheguei bem depois, já tinha muito [migrante] por aqui, então pipocou o número de bailes, aí o pessoal ia pra se divertir, parar de pensar na cana, nos problemas, em mandar dinheiro, mas não tem como fugir disso né, entre uma dança e outra, entre uma cerveja ou um dose [risos] você falava da cana, mas não era só disso, você conversava sobre tudo, ali eu conheci grandes amigos, amigos pra vida [...] *Mas aí foi se acabando, mudou os turnos, a gente acabou não se vendo mais, ou se via bem pouco e depois aos poucos foi acabando os migrantes*, mas o forró, não sei te dizer, é algo de dentro assim, não sei dizer, forró, ele era não um escape porque a gente não escapava mas ele era um negócio à parte [...] (João Mathias, 2020, grifo nosso).

O relato do migrante aglutina as duas considerações mencionadas acerca do desaparecimento deste espaço dos pontos de lazer do horizonte orlandino. Contudo, o mesmo relato indica a potencialidade e importância destes locais nas trajetórias migrantes nesta cidade.

Um escape, como diz João, um lugar de curar as dores, ou de chorar as pitangas como nos disse Raimundo. O forró, os bailes organizados nesta cidade, possuem uma potencialidade ímpar nas trajetórias desses sujeitos. Um *espaço outro*, que proporcionava a organização, resistência e fuga, mesmo que breve, dos sofrimentos e humilhações sofridas no eito.

**

Quando iniciamos a pesquisa sobre a migração nordestina na Cidade das Avenidas, Orlândia, por volta de 2017 (Pereira, 2020ab) e a complexificando nos anos seguintes, através da pesquisa de mestrado (Pereira, 2021a), no momento da análise das primeiras entrevistas coletadas, os espaços de lazer foram deixados de lado, pouco foi dada atenção às suas características. Em estudo que tratou mais especificamente sobre tais locais, dedicamos apenas destacar, naquele momento, os embates entre migrantes e moradores locais sobre a representação daqueles espaços, sobretudo, o processo de estigmatização sofrido pelos primeiros migrantes e o conjunto de manchetes e reportagens dos jornais locais sobre o aumento da violência na cidade advinda destes ambientes.

Foi somente após a finalização daquela pesquisa, revendo o conjunto de fontes que acabamos percebendo a centralidade e importância deste espaço nos depoimentos. Ficava claro que seria necessário realizar novas entrevistas, seja com os mesmos sujeitos, bem como com outros. Conforme Benjamin (1978), uma das principais características das narrativas é o seu sentido de abertura, ou seja, a narrativa não é algo acabado e definitivo.

A abertura está relacionada aos movimentos da vida, às mudanças que com ela vêm e às descobertas que com ela surgem. Em síntese, a abertura está relacionada ao movimento ilimitado da memória e sua troca e comunicação com as experiências, assim, um relato chamando novos relatos, que suscitam novos relatos que, por sua vez, acrescentam novos aspectos aos relatos anteriores. Conforme Alonso (2019, p. 30), levando em consideração os pressupostos de Benjamin, os relatos:

[...] direcionam a reflexões e interpretações e não apresentam explicações definitivas, porque sabem e permitem que a história admita diversas interpretações e que, portanto, ela permanece aberta, disponível para uma continuação de vida que a leitura, a verbalização ou audiovisualização do relato renova.

A abertura se faz presente tendo em vista os contextos, as visões, as referências, as intencionalidades e as estratégias que nos revelaram múltiplos reais, não o que aconteceu na realidade, mas as interpretações da experiência

vivida. Os depoimentos obtidos nas novas entrevistas possibilitaram novas narrativas e narrativas somadas às anteriores, aquelas coletadas em pesquisas que antecederam a esta, bem como tais narrativas chamaram outras narrativas. Estas nos convidaram a novas interpretações e elaborações. Uma gama de infinitas possibilidades. Enfim, uma construção aberta e inacabada, sempre passível de receber e criar mais, como ressalta Alonso (2019, p. 35), ‘‘[...] o espírito vivo da abertura benjaminiana’’.

De fato, este estudo, pensado como exploratório, buscou observar os bailes de forró como *espaço outro*, um local que permitia, em tese, ser uma válvula de escape aos dissabores enfrentados no trabalho e que se estendiam aos espaços de habitação, as residências, ou melhor, os barracos. Contudo, assim como o eito e a residência, os espaços de lazer em sua completude não representaram o rompimento ou o abandono desejável do eito, visto que ali, o tema central, seguia sendo o trabalho, desde a solidariedade com os companheiros, as táticas de resistência e organização, mas, também, local de resolução de desavenças que se iniciaram no canavial.

Ainda assim, pensá-lo como *espaço outro* é possível, sobretudo quando observado como local que permitia criar uma centelha de esperança em olhares que estavam dirigidos a lugar nenhum. Como nos disse Raimundo Nonato, o forró, seja por um breve momento, permitiu a alma ‘voltar ao corpo’.

Referências

ABREU, Dirce de; MORAES, Luiz Antônio de; NASCIMENTO, Edinalva Neves; OLIVEIRA, Rita Aparecida de. A produção da cana-de-açúcar no Brasil e a saúde do trabalhador rural. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v. 09, n. 02, p. 49-61, 2011.

ALESSI, Neiry Primo; SCOPINHO, Rosemeire A. A saúde do trabalhador do corte de cana-de-açúcar. *In*: ALESSI, Neiry Primo. **Saúde e trabalho no Sistema Único de Saúde**. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 121-151.

ALONSO, Priscila de Lima. História Oral: uma janela para a narrativa de Walter Benjamin. **Fênix: História e Estudos Culturais**, v. 16, n. 2, p. 27-42, 2019.

BANDINI, Claudirene Aparecida de Paula; MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Revelando o Indizível na Oficina de Fuxico: uma experiência de

pesquisa sobre gênero, religião e memória. **História Oral**, v. 2, n. 14, p. 255-284, 2011.

BAPTISTA, Dulce Maria Tourinho. Sociabilidade e lazer no cotidiano de migrantes nordestinos. **Travessia: Revista do Migrante**, n. 47, p. 24-30, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. 3. Ed. - São Paulo. Editora Brasiliense, 1987.

DIAS, José Luciano de Mattos. Registro oral, história e grandes organizações. *In*: FERREIRA, Marieta de Moares (Coord.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

GALIANO, André de Mello; VETTORASSI, Andréa; NAVARRO, Vera Lúcia. Trabalho, saúde e migração nos canaviais da região de Ribeirão Preto (SP), Brasil: o que percebem e sentem os jovens trabalhadores? **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 37, n. 125, p. 51-64, 2012.

GUANAIS, Juliana Biondi. Vida e trabalho dos cortadores de cana: migração, assalariamento temporário e labor nos canaviais paulistas. **Século XXI: Revista de Ciências Sociais**, v. 4, n. 1, p. 260-290, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva. **Revista Cordis: História e Arte**, v. 2, n. 30, p. 522-549, 2023.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Nordestinos na Zona Leste de São Paulo: subjetividade e redes de migrantes. **Travessia: Revista do Migrante**, n. 76, p. 99-112, 2015.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. A Cultura na esteira do tempo. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 3, p. 102-112, 2001b.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. A face oculta do trabalho: Migrantes nas usinas canavieiras de São Paulo. **Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo**, n. 17, p. 31-54, 2005.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. A morte ronda os canaviais paulistas. **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária**, v. 33, n. 02, p. 111-144, 2006.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. A terra no imaginário dos migrantes temporários. **História Oral**, v. 4, p. 103-120, 2001a.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Cortadores de Cana e os (Não) Direitos. **Travessia**, n. 61, p.26-36, 2008b.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Expropriação da terra, violência e migração: camponeses maranhenses no corte da cana em São Paulo. **Cadernos CERU**, v. 19, n. 1, p. 165-180, 2008a.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Melancolia e trabalho. *In*: NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel; BRAGA, Maria Alice; MATOS, Marilise (Coords.). **IV Fórum das Mulheres do Jequitinhonha**. Belo Horizonte: UFMG, 2015, p. 21-41.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Migrantes maranhenses nas terras paulistas. *In*: SILVA, S. A. **Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar**. Manaus: EDUA; FAPEAM, 2010a. p. 35-76.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Mulheres trabalhadoras rurais: trajetórias e memórias. **Ruris**, v. 4, n. 2, p. 13-43, 2010b.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. No meio dos canaviais: um lugar de memória de trabalhadores. *In*: 15 Encontro Regional Sudeste de História Oral. São Paulo: **Anais do 15 Encontro Sudeste de História Oral**, 2022, s./p..

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. O trabalho oculto nos canaviais paulistas. **Perspectivas**, v. 39, p. 11-46, 2011.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Sabe o que é ficar borrado no eito da cana? **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 21, n. 2, p. 359-391, 2013.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Trabalho rural: as marcas da raça. **Lua Nova**, n. 99, p. 139-167, 2016.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de; BUENO, Juliana Dourado; MELO, Beatriz Medeiros de. Quando a máquina “desfila”, os corpos silenciam: tecnologia e degradação do trabalho nos canaviais paulistas. **Contemporânea**, v. 4, n. 1, p. 85-115, 2014.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de; REIS, Tainá. Em busca de um lugar de memória de trabalhadores/as rurais: constituição de um repositório digital em dois espaços-tempos. **Travessia**, n. 89, p. 7-26, 2020.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de; VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos de; BUENO, Juliana Dourado. A imagem do etanol como "Desenvolvimento Sustentável" e a (nova) Morfologia do Trabalho. **Caderno CRH**, v. 26, n. 68, p. 253-271, 2013.

MORAES SILVA, Maria Silva de; PRIULI, Roseana Mara Aredes. Migração e Saúde: os trabalhadores do corte da cana de açúcar. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, a, 09, n. 37. p. 231-245, 2011.

MOURA, Flávia de Almeida. Escravos da precisão: economia familiar e estratégias de sobrevivência de trabalhadores rurais em Codó (MA). **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 5, n. 9/10, p. 177-193, 2008.

NOVAES, José Roberto; ALVES, Francisco. **Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

PEREIRA, Bruno César. Entre Estigmas & Segregações: A (re) organização dos espaços nos bairros José Vieira Brasília e Jardim Santa Rita no município de Orlandia-SP (1990-2010). **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 11, p. 114-130, 2020b.

PEREIRA, Bruno César. **O Extremo-Leste Orlandino: narrativas e trajetórias de migrantes nordestinos e moradores locais (1980-2010)**. Dissertação (Mestrado em História), Irati: Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO, 2021a.

PEREIRA, Bruno César. Periferia, migração e cotidiano: notas acerca da inserção de migrantes nordestinos em um pequeno município paulista (1990-2010). **Revista de História da UEG**, v. 9, p. 1-11, 2020a.

PEREIRA, Bruno César; LOUREÇO, Alexandra. “Não vejo eles como diferentes, só não vejo aqui como o lugar deles”: Análise do poder simbólico presente nas relações sociais entre estabelecidos e outsiders em Orlandia - SP. **Cidades, Comunidades e Territórios**, v. 36, p. 56-67, 2018.

PEREIRA, Bruno César; LOUREÇO, Alexandra. Mulheres e a migração: trajetórias e motivações de migrantes nordestinas na Cidade das Avenidas. **História em Revista**, v. 26, p. 43-61, 2021.

PEREIRA, Bruno César; SCHORNER, Ancelmo. 'O que é ser “piauí”? A representação dos migrantes nordestinos em um município paulista (1980-2020)'. **Boletim Historiar**, v. 7, p. 73-94, 2020.

PEREIRA, Bruno César; VAZ, Vania. “Violência, desordem e bebedeiras”: a construção da imagem do clube Forrólandia no município de Orlandia-SP (2000-2010). In: SILVESTRE, Luciana Pavowski Franco. **Estado e Sociedade frente às Questões Sociais**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, p. 35-45. D.

ROGÉRIO JÚNIOR, Teodorio. **“A gente leva o dinheiro, mais fica o couro”**: a vida e a lida de camponeses piauiense após o trabalho no corte de cana em agroindústrias brasileiras. Jundiá: Paco Editorial, 2016.

SERAFIM, Luís. **Vila tatu (Crônicas)**. Franca: Fundação Mario de Andrade, 1997.

SILVA, Marcelo Saturino da. **Trabalhadores-migrantes nos canaviais paulistas: sociabilidades, condições de trabalho e formas de resistência!** Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, 2011.

VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos de & Moraes Silva, Maria Aparecida de. A resistência dos trabalhadores nos canaviais alagoanos. **Agrária**, n. 13, p. 137-168, 2010.

Recebido em: 29 de janeiro de 2024

Aceito em: 19 de abril de 2024